

Camilo Pessanha Revisitado em Macau

ANTÓNIO ARESTA*

RESUMO: Camilo Pessanha Revisitado em Macau é um impressionante testemunho das diversas actividades que foram realizadas no Território na década de noventa do século passado e que marcam o comprometimento activo da governação portuguesa para com a cultura e a história. Para além de um grande e diversificado planeamento editorial dedicado a Camilo Pessanha, foram realizadas entrevistas [hoje com o estatuto de históricas e frequentemente citadas nas bibliografias] a António Dias Miguel, Eugénio de Andrade, António Quadros, entre outros, cujas opiniões polémicas ou inovadoras ajudaram a clarificar alguns aspectos da vida e obra do Poeta. Ao unificar-se todo este material disperso, o objectivo é prestar um serviço auxiliar aos estudos dedicados a Camilo Pessanha.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; História de Macau; Literatura Portuguesa; Macaenses; Sinologia

À memória de dois grandes estudiosos de Pessanha,

João de Castro Osório
Leopoldo Danilo Barreiros

No ocaso da administração portuguesa de Macau assistiu-se a um revivalismo emocional em torno da figura de Camilo Pessanha (1867-1926), já que em termos estéticos se encontrava desde há muito no panteão da literatura nacional.

Fernando Pessoa guardou uma impressionante recordação de Camilo Pessanha conforme se pode ler numa carta que lhe endereçou para Macau: “Duas vezes apenas falamos, no ‘Suiço’, e fui apresentado a V.Ex^a. pelo general Henrique Rosa. Logo da primeira vez que nos vimos, fez-me V. Ex^a. A honra, e deu-me o prazer, de me recitar alguns poemas seus. Guardo

dessa hora espiritualizada uma religiosa recordação. Obtive, depois, pelo Carlos Amaro, cópias de alguns desses poemas. Hoje, sei-os de cor, aqueles cujas cópias tenho, e eles são para mim fonte contínua de exaltação estética”¹.

Em Macau voluntariamente exilado, e como dizia em 1915, “nesta remotíssima e exígua possessão portuguesa – verdadeira prisão com homenagem”², que mais tarde a psicanálise e outras ciências correlativas ajudarão a explicar, com certeza, não esquecendo uma sublimação cultural tardiamente consumada, incluindo a superação de alguma *vexata quaestio* que embaraçava a moral de antanho.

Esta ‘Inscrição’ parece uma apresentação formal:

*“Eu vi a luz em um país perdido.
A minha alma é lânguida e inerte.
Oh! Quem pudesse deslizar sem ruído!
No chão sumir-se, como faz um verme ...”³*

A traços muito largos, e assumindo o risco de deixar muita coisa de fora, gostaria de tentar fixar para

* Professor e investigador. Doutorando em Filosofia (Universidade do Porto). Autor de diversos estudos sobre a história de Macau.

Teacher and researcher. Author of various studies on Macao History he is currently preparing his Ph.D. in Philosophy at Oporto University.

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS



Camilo Pessanha no Jardim de Camões em Macau. In Daniel Pires, *A Imagem e o Verbo: Fotobiografia de Camilo Pessanha*. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau / Instituto Português do Oriente, 2005.

o leitor comum e curioso, o mais significativo trajecto da fortuna editorial de Camilo Pessanha, os estudos e as investigações que suscitou, centrada, naturalmente, em Macau, sobretudo nos anos noventa.

Foram perdidas as veleidades de se encontrar um desconjuntado espólio literário ou documental, como decorre do anúncio colocado no jornal “O Combate”, de 10 de Junho de 1926, escassos quatro meses após a sua morte : “Na casa onde faleceu o Dr. Camilo Pessanha (Praia Grande, 75) estão em exposição, para venda, os objectos chineses por ele colecionados durante a sua vida. As pessoas e os seus amigos e admiradores que desejem adquirir alguns desses objectos, poderão ali dirigir-se a seu filho, todos os dias das 11 às 19 horas”⁴.

O Leal Senado propõe a atribuição do seu nome a uma das ruas da cidade. Assim aconteceu, e a “Rua do Mastro” passou a designar-se, até aos dias de hoje, “Rua Camilo Pessanha”⁵.

A Esther de Lemos ficamos a dever o pioneiro estudo, *A Clepsidra de Camilo Pessanha*, publicado em 1956, e que resulta da sua dissertação de licenciatura defendida em 1952. Logo de seguida aparece o completíssimo ensaio de António Dias Miguel, *Camilo Pessanha: Elementos para o Estudo da sua Biografia e da sua Obra*. Danilo Barreiros edita em 1961 *O Testamento de Camilo Pessanha* e seis anos volvidos, João Gaspar Simões publica *Camilo Pessanha*. Em 1982 Bárbara Spaggiari publica *O Simbolismo na Obra de Camilo Pessanha*. Maria José Lancastre apresenta em 1984 as *Cartas a Alberto Osório de Castro, João Baptista de Castro e Ana de Castro Osório*.

Em 1986 é publicado em Macau o *Caderno Poético de Camilo Pessanha*⁶. Ironicamente, não fora a despropositada selvajaria da revolução cultural maoísta em Macau, o Caderno continuaria perdido por mais alguns anos. Neste mesmo ano surge o *Catálogo Um Encontro Com Camilo Pessanha: comemorações do 60º aniversário da sua morte*⁷, publicado pelo Instituto Cultural de Macau\ Direcção dos Serviços de Educação. Também Miguel Serras Pereira publicou uma antologia de Camilo Pessanha, intitulada *floriram por engano as rosas bravas*.

No dealbar dos anos noventa alguma coisa começou a mudar no que diz respeito à preocupação com a obra dispersa de Camilo Pessanha. A própria iconografia ganhou uma insuspeitada centralidade. Em Macau, o pretexto foi a celebração dos setenta anos da publicação da *Clepsydra*.

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

As celebrações do dia 10 de Junho, Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, em Macau, no ano de 1990, contaram com a presença da prestigiada actriz Eunice Muñoz a dizer Poemas de Camilo Pessanha.

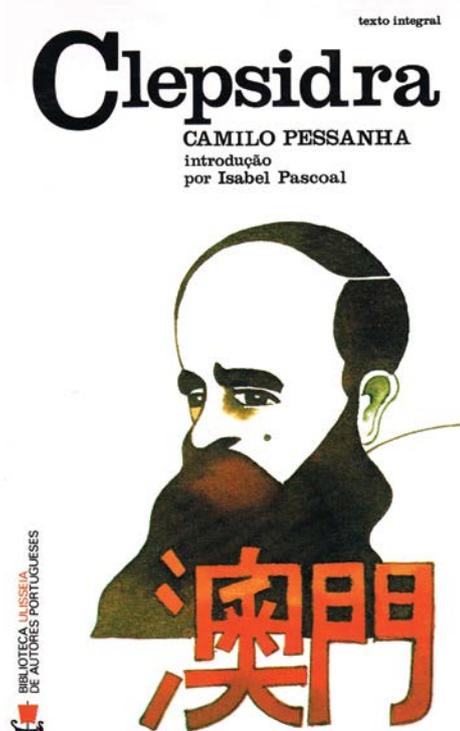
Em Outubro desse mesmo ano, Pedro Barreiros expõe vinte e cinco obras inspiradas na “Clepsydra de Camillo Pessanha”, dizendo que “Pintar Camillo Pessanha foi um acto directo de transpor para a tela toda a beleza que recebi dos seus poemas durante a minha juventude, nas recordações mais ternas que definiram o estado de espírito que Macau foi sempre para mim”⁸. E António Quadros, ao assinar o prefácio, trouxe outra densidade especulativa depois de olhar para essas telas: “Ofereceu-nos assim para meditação um outro Pessanha, um Pessanha desconhecido dos hermeneutas do óbvio. Um Pessanha verdadeiro? Certamente. Um Pessanha surpreendido nas explosões genésicas que precedem a criação como composição. Um Pessoa subjectivado pelo pintor? Também. A criação artística é um acto de liberdade e estas pinturas têm a sua autonomia. Um diálogo é sempre feito de monólogos que se cruzam. Pedro Barreiros já tinha há muito encontrado o seu poeta. Camilo Pessanha encontra agora o seu pintor”⁹.

A “Revista de Cultura”, do Instituto Cultural de Macau dedicou um importante espaço a Camilo Pessanha no N.º 11\12¹⁰, Julho\Dezembro de 1990. E o mesmo sucederá com o N.º 15¹¹, Julho\Setembro de 1991.

Daniel Pires concebeu e liderou um grande projecto, com seminários¹², edições e uma exposição bio-bibliográfica, com o indispensável apoio do Instituto Cultural de Macau e do Instituto Português do Oriente, que também institucionalizou o “Prémio Camilo Pessanha”¹³.

Na nova “Colecção Camilo Pessanha”, co-edição do Instituto Português do Oriente\Instituto Cultural de Macau, Daniel Pires publica dois volumes fundamentais, a *Homenagem a Camilo Pessanha*¹⁴ e *Camilo Pessanha, Prosador e Tradutor*¹⁵. Na Biblioteca do Leal Senado foi apresentada a Exposição¹⁶ “70.º Aniversário da primeira edição da Clepsidra de Camilo Pessanha”, de 9 a 27 de Novembro de 1990, sem esquecer uma Carteira com 10 Postais¹⁷.

Entretanto, outra estudiosa, Celina Veiga de Oliveira, lançou-se em 1990 no Projecto de Investigação do Espólio Jurídico de Camilo Pessanha, no Tribunal da



Comarca de Macau. Sob a sua orientação, esse fundo documental foi finalmente recuperado, organizado e microfilmado. Daí resultou a obra pioneira, de grande tomo e doravante de referência, *Camilo Pessanha, o Jurista e o Homem*¹⁸.

Por sugestão do director do semanário “Tribuna de Macau”, o meu amigo José Rocha Dinis, e pelo facto de conhecer pessoalmente alguns dos intervenientes num ciclo de conferências dedicadas ao Poeta, promovidas pelo Instituto Português do Oriente em 1990, fiz uma série de entrevistas\conversas, sob o título genérico “Camilo Pessanha Revisitado”, a um alargado conjunto de personalidades.

Esta iniciativa, com a inevitável polémica adjacente, foi a forma de trazer o debate erudito do céu para a terra, tornando familiar e acessível temas e problemas enclausurados em circuitos escolásticos. Dos entrevistados, já partiram António Dias Miguel, António Quadros e Eugénio de Andrade.

A recuperação desta problemática, “Camilo Pessanha Revisitado em Macau”, é também uma forma de valorizarmos a memória cultural de Macau sob administração portuguesa no dealbar da década de noventa, no século passado.

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

CAMILO PESSANHA REVISITADO EM MACAU NO 70º ANIVERSÁRIO DA PUBLICAÇÃO
DA CLEPSYDRA , EM 1990

António Dias Miguel	Se não tivesse vindo para Macau dificilmente seria o poeta que Macau lhe permitiu que fosse	<i>Tribuna de Macau</i> 19-05-1990
Ana Paula Laborinho	O verdadeiro laboratório poético de Pessanha foi ele mesmo	<i>Tribuna de Macau</i> 26-05-1990
António Dias Miguel	Adeus a Macau	<i>Tribuna de Macau</i> 26-05-1990
António Pedro Pires	Pessanha era a vergonha dos macaenses	<i>Tribuna de Macau</i> 02-06-1990
António Aresta (Seleção)	Dois Poemas a Camilo Pessanha [da autoria de Pedro da Silveira e A.M. Couto Viana]	<i>Tribuna de Macau</i> 02-06-1990
Ana Paula Laborinho	Acerca do orientalismo de Camilo Pessanha	<i>Tribuna de Macau</i> 09-06-1990
António Aresta	Em jeito de aditamento	<i>Tribuna de Macau</i> 09-06-1990
Arnaldo Saraiva	Como pode considerar-se anti-chinês um homem que sabia 3500 caracteres?	<i>Tribuna de Macau</i> 09-06-1990
Eugénio de Andrade	Pessanha é um poeta tão grande que Macau inteiro não chega para seu túmulo	<i>Tribuna de Macau</i> 13-10-1990
António Aresta	Pessanha na Biblioteca do Leal Senado	<i>Tribuna de Macau</i> 24-11-1990
António Quadros	Pessanha: um poeta saudoso do amor e saudoso das raízes	<i>Tribuna de Macau</i> 01-12-1990

ANTÓNIO DIAS MIGUEL¹⁹

SE NÃO TIVESSE VINDO PARA MACAU
DIFICILMENTE SERIA O POETA QUE
MACAU LHE PERMITIU QUE FOSSE²⁰

“*Nos meus tempos era necessário andar de candeia na mão à procura de candidatos que quisessem ir para Macau*”, assim se inicia uma pequena charla com António Dias Miguel que, estando pela primeira vez em Macau, “*senti-me como em casa*”, pois são “*tantos os amigos que aqui reencontrei, antigos alunos, quase na totalidade, no Colégio Militar*”.

Camilo Pessanha começa, decididamente a entrar no circuito dos interesses culturais nacionais. Eugénio de Andrade, um poeta cuja vinda a Macau parece ser dada como certa, foi, talvez, dos últimos a chamar a atenção para esse misterioso e desconcertante eixo

poético protagonizado pelos “3 P” : Pessoa, Pessanha e Pascoaes. O primeiro é, como se sabe, uma verdadeira onda asfixiante ; Pascoaes ainda não reencontrou o seu lugar, isto depois de a direita ter incrustado o ‘Verbo Escuro’ no seu discurso político e apologético ; de Pessanha, o tempo dirá o que farão dele.

O IPOR, Instituto Português do Oriente, concebeu um extenso e importante programa de homenagem, quiçá de reabilitação, a Camilo Pessanha, a propósito do septuagésimo aniversário da publicação da *Clepsydra*. António Dias Miguel é o primeiro conferencista, ocupando-se da vida e obra de Pessanha, orientando, depois, um seminário especializado. Na próxima edição, esperamos poder apresentar uma súmula da intervenção de António Dias Miguel, feita pelo próprio autor, iniciativa que se insere no âmbito do tema “Camilo Pessanha Revisitado”, que a “Tribuna”

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

hoje inicia.

Com uma invejável presença física e com uma memória vigorosa, apesar de estar perto do patamar dos setenta, desfia uma galeria de factos, de pessoas conhecidas no mundo das letras e da política ou de episódios curiosíssimos que ficaram, por acordo tácito, só na memória das palavras. A dois. António Dias Miguel assume-se, convictamente, como “*um sobrevivente dessa corrente de investigadores onde pontificaram um Braancamp Freire ou uma Carolina Michaellis de Vasconcelos*”. E não foi por acaso que os seus interesses culturais e de investigação se centraram no século XVI, em torno da figura extraordinária de Francisco de Moraes, período literário sobre o qual é tido como um especialista. Gil Vicente foi também objecto de uma polémica que fez história. Eça de Queiroz e Mário de Sá-Carneiro, foram igualmente referências importantes em trabalhos de crítica e de investigação. Predilecção especial mostra-a por Guilherme de Azevedo que considera “*o maior cronista do século XIX injusta e incompreensivelmente apagado*”. Aliás, sobre este autor tem prontas as Crónicas de Paris, “*encalhadas há uns cinco ou seis anos na programação editorial da Imprensa Nacional-Casa da Moeda*”. Contudo, paixão, “*paixão antiga*”, como nos disse, é por Camilo Pessanha : “*se não tivesse vindo para Macau, dificilmente seria o poeta que Macau lhe permitiu que fosse*”. Em Macau, diz, “*encontrou o sossego e a paz de espírito necessárias à sua criação poética*”, ao mesmo tempo que se “*embebia na cultura chinesa*”. Nos anos de “*1894, 1895, 1896 e 1898 conseguiu cristalizar a maioria da sua obra poética*”, acrescentou ainda António Dias Miguel. Em seu entender, o simbolismo de Pessanha “*percorre caminhos inovadores, para além de interiorizar a musicalidade de Verlaine*”. Um simbolismo que se metamorfoseará num existencialismo, como o sugere a “*Inscrição*”? Entretanto, fala-nos também dos seus projectos, desde a “*publicação de inéditos de Pessanha, sobretudo a correspondência, até à reedição corrigida e aumentada da sua biografia*”. Talvez, pensamos, Macau venha a ser objecto de umas quantas crónicas de alguém que um dia viu uns poemas da sua autoria serem ‘benzidos’ por D. José da Costa Nunes.... Considerando, por fim, que a língua portuguesa “*quase não se fala em Macau*”, António Dias Miguel diz que isso é um sinónimo do “*fracasso de uma missão cultural*”, mas evidencia também “*uma postura anti-colonialista de um povo que se acultura reactivamente*”.

ANA PAULA LABORINHO²¹

O VERDADEIRO LABORATÓRIO POÉTICO DE PESSANHA FOI ELE MESMO²²

Uma aluna dizia que não, que não sabia quem tinha sido Camilo Pessanha. Sabia apenas que “*valia*” cem patacas, que é o valor facial da sua efígie aposta na nota. Da sua mesada. Esta evidência permite mostrar que algo não irá bem na pedagogia da literatura e da leitura e que as orientações dos programas escolares cederão com facilidade a quaisquer modas oriundas da crítica literária. Se o prazer de ler não for estimulado, com situações ou motivações as mais diversificadas, a relutância à leitura favorecerá o aparecimento de um alfabetismo kitsch, facto que permite, sempre, quaisquer formas de colonialismo cultural.

Poderá o IPOR contribuir para uma boa divulgação de Pessanha, como tem vindo a procurar fazê-lo, sem cair no chauvinismo literário? Estas e outras questões foram abordadas pela dr^a. Ana Paula Laborinho que connosco se dispôs à troca de ideias que se segue.

Para os portugueses, começou por afirmar, “*estar em Macau é um privilégio para poder visitar, ler ou descobrir os efeitos de anteriores leituras de Camilo Pessanha, procurando, inclusivamente, reconhecer os referentes do universo da sua vivência*”. É, pois, “*urgente o conhecimento integral da produção literária de Pessanha, um trabalho muito importante a que se devotou o dr. Daniel Pires*”. Depois de manifestar o seu interesse e a sua curiosidade “*pelo trabalho que a dr^a. Celina Veiga de Oliveira está a desenvolver na área forense*”, Ana Paula Laborinho referiu que alguns alunos “*escolheram Pessanha para a dissertação de mestrado*”. O orientalismo patente ou latente em Pessanha é motivo de controvérsias. Ana Paula Laborinho diz-nos que “*são praticamente nulas as marcas orientalistas nos poemas feitos antes de vir para Macau, que é um lugar que ele rejeita e é no seio dessa rejeição paradoxal, uma espécie de conflito entre Eros e Thanatos, que ele cria a sua poética*”, utilizando uma “*desarticulação ou desconstrução sintáctica que poderá ter recolhido na poesia chinesa*”. Completando melhor o raciocínio, adianta que Pessanha “*aderiu à passividade do sujeito, tão característica do budismo, embora ela já existisse anteriormente, desde os tempos de Coimbra*”. As “*versões das elegias estão a ser estudadas pela Associação de Literatura Comparada de Macau que, em breve, irá ser admitida na Associação Internacional*”.

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

de *Literatura Comparada*”. Salienta, no entanto, que subsiste o problema inerente a qualquer sociedade científica, de “*não existirem, ainda, especialistas em literatura chinesa capazes de identificarem as influências dessa literatura na obra de Camilo Pessanha*”. Pessanha e o simbolismo, “*o contacto com o Oriente levou-o a desvincular-se dos parâmetros da escola francesa, sendo seguro que leu Verlaine e Baudelaire*”. Contudo, “*não há certeza se leu Rimbaud, de quem está próximo, que foi aquele que levou mais longe o trabalho formal, essa operação de novidade na poesia*”, acrescentou Ana Paula Laborinho. Em seu entender, a poética de Camilo Pessanha “*foge aos ritmos tradicionais e é inovadora no contexto da poesia portuguesa. O verdadeiro laboratório poético de Pessanha foi ele mesmo, sobretudo as experiências emocionais, o absinto e o ópio, que poderão ser formas de procurar um desdobramento de emoções e de sensações que irão aparecer corporizadas na sua poesia*”. E pelo facto da “*experiência emocional e existencial ser muito forte, a sua obra é escassa mas marcante*”. De resto, diz ainda Ana Paula Laborinho, “*a sua poesia está ao nível do melhor dos poetas simbolistas franceses*”, sendo de lamentar que não existam traduções, lacuna que em breve poderá ser suprida.

Sobrevalorizar, mesmo hipervalorizar, Camilo Pessanha poderá ser um risco, contribuindo, em seu entender, para “*o esquecimento de alguns poetas do fim de século, como António Patrício ou António Feijó, que cruzaram Macau e perseguiram o mito do Oriente*”. Colocando-se a questão, se Pessanha seria um estrangeirado, Ana Paula Laborinho pensa que “*não o é e apesar de ser portador de novas ideias, nunca se assumiu como um panfletário*”. Instada a comentar algumas possíveis convergências entre os dois Camilos, Camilo Pessanha e Camilo Castelo Branco, disse que “*ambos tiveram percursos existenciais muito atribulados ; o primeiro aventurou-se nas metamorfoses expressivas da linguagem e o segundo patenteia uma fabulosa riqueza vocabular*”. Uma vez mais, e sempre, “*o prazer amoroso, barthesiano, pela literatura*”, constatação que serve de remate à entrevista.

Contrariamente ao que ficara combinado e por motivos alheios à sua vontade, o dr. António Dias Miguel não pode escrever a súmula das suas intervenções. Contudo, teve a gentileza de nos deixar este Adeus a Macau, que passamos a publicar na íntegra.

António Aresta

ADEUS A MACAU²³

Gostava de ter contado o número de crianças chinesas que sorriram para mim, o nome dos garotos que fotografei no Jardim Lou Lim Yeoc, e da mãe que me deixou, no mesmo jardim, andar com os seus filhinhos pela mão.

Gostava de ter filmado a elegância dos gestos daquela chinesa de meia-idade, que, entre árvores entrelaçadas e grandes bambús, fazia os seus exercícios de concentração.

Gostava de guardar, de reter na memória tanta coisa que vi, os lugares que me mostraram e me sabem a um mundo perdido, as pessoas que conheci e as que já conhecia, as surpresas, os acasos inacreditáveis que acontecem na vida de cada um. Só aqui na Pousada vim encontrar um antigo aluno e a ex-mulher de um professor de Inglês, já falecido, que havia sido meu colega há vinte anos no Colégio Militar.

Há duas pessoas que não vou esquecer : o Daniel, por cuja indicação ao IPOR vim a Macau, e me acompanhou, desde a chegada a Hong Kong, em tantos dias e a tantos lugares, de cujas janelas do sexto andar na Taipa, onde vive com a mulher e os filhos vi um dos mais belos espectáculos da minha vida : Macau iluminada, ao longo do rio, muito mais do que “o fio a desdobrar que não termina \ de grinaldas, de rosas de tocar”, de Camilo Pessanha ; e o Martinho, meu ex-aluno na Escola Técnica dos Serviços de Saúde de Lisboa, com a sua famíliazinha chinesa, com o Eurico e a endiabrada Marina, de trancinhas e de sorriso sempre à flor da boca.

Aposto que, se aqui viesse o Miguel Esteves Cardoso, não tinha mais surpresas do que eu. Quando se é velho, o acaso parece ter menos importância, menos peso, mas a verdade é que há coisas verdadeiramente estranhas. Na Fotografia “Princesa” não vim encontrar o eng^o Fernando Rodrigues, que não via seguramente há mais de cinquenta anos e ainda por cima dizem que meu vizinho aqui na Mong Há ?

Vou-me embora de Macau com uma certa pena. E ainda outras penas

Agradar-me-ia voltar, não em manhã de nevoeiro como o D. Sebastião, mas num tempo magnífico, este que me foi dado gozar aqui, errante pelos jardins, vendo bucolicamente (vejam o meu gosto !) as borboletas, as enormes borboletas de cores inesperadas, voejando de flor em flor, de cor em cor. Agora sou eu que vou voar. E acreditem que voou com pena...

António Dias Miguel

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

ANTÓNIO PEDRO PIRES²⁴

PESSANHA ERA A VERGONHA DOS
MACAENSES²⁵

Afigura-se-nos importante e interessante convocar para este debate de ideias, genericamente centrado na sequência *Camilo Pessanha Revisitado*, outras perspectivas de abordagem, a uma obra e a um autor, que não exclusivamente literárias. Seria uma atitude tão sectária quanto escolástica não permitir a intervenção pluridisciplinar sobretudo pelo colorido e desconforto problemáticos que nos pode propiciar.

Esta linha de ideias encontrou receptividade na figura de um antropólogo com obra feita, o dr. António Pedro Pires, que respondeu por escrito a um conjunto de questões.

“Tribuna de Macau” [TM] – Como é que seria a vida quotidiana macaense ao tempo de Pessanha ?

António Pedro Pires [APP] – Camilo Pessanha viveu em Macau no fim do século XIX. Nessa altura, a comunidade macaense, de matriz cultural portuguesa, seguia um estilo de vida muito semelhante ao da ‘Metrópole’, ao nível da transmissão\‘aquisição e vivência de valores. Extremamente influenciada pela Igreja Católica, a cultura dominante era judaico-cristã : moralista, puritana , ritualista. A família era o grande valor e no seu seio se transmitia o amor a Deus, a obediência aos pais e superiores, o respeito pela autoridade e pelas normas morais ditadas pela Igreja. Só era permitida a sexualidade dentro do casamento e mesmo aí, as relações sexuais eram toleradas por causa da propagação da espécie. Divorciados e ‘amancebados’ eram considerados hereges ou pecadores públicos. Mas os portugueses de Macau viviam dentro da ‘cidade cristã’, uma espécie de ‘ghetto’, em relação à outra cidade chinesa e pagã, dez vezes superior em número de habitantes. Era uma espécie de aldeia em que todas as pessoas se conheciam. Em comunidades pequenas, fechadas, o controlo social é feito essencialmente ao nível da opinião pública, muito atenta a todos os comportamentos, condenando ferozmente os que se afastam das normas morais. O desprezo e marginalidade a que são votados os violadores dessas normas por vezes fazem sofrer mais que os castigos dos tribunais.

TM – E Camilo Pessanha, que postura ou que papel aceitou desempenhar ?

APP – Camilo vai seguir um estilo de vida verdadeiramente oposto ao do sistema de valores dominante. É provocador, até. Mantém relações fortuitas com muitas mulheres. Duma dessas relações nasce-lhe um filho nos finais de 1897 ou início de 1898. Viola, portanto, um dos interditos mais sagrados da comunidade católica macaense, o da sexualidade. Quando se instala em casa própria, leva consigo uma concubina que, além do mais, era pagã, chinesa – uma autêntica provocação à honra da comunidade macaense ! Nunca reconheceu o filho João Manuel, nunca se preocupou com a sua educação, tratou-o sempre com desprezo, nutrindo para com ele uma profunda indiferença ! Violou mais outro valor do judeo-cristianismo, o amor dos pais pelos filhos. Também não levava a sério o valor do trabalho. Como professor, conservador, ou juiz, os horários não eram com ele ! Ora a preguiça fazia parte da lista dos ‘pecados capitais’. Se tivermos em conta os conceitos de honra e vergonha na sociedade portuguesa (cf. *Peristiany, Honra e Vergonha nas Sociedades Mediterrânicas*) Pessanha manchou a honra de toda uma comunidade que, embora vivendo no Sul da China, pautava o seu comportamento pela fidelidade aos valores cristãos. Ele era a vergonha dessa comunidade (cf. *Mary Douglas, Purity and Danger*). Nas sociedades arcaicas, os violadores dos interditos normalmente eram expulsos, ou eliminados. No Alentejo, a mulher infiel era expulsa e nunca mais podia entrar na aldeia (*J. Cutileiro, Ricos e Pobres no Alentejo*) . E quando alguma desgraça se abatia sobre a comunidade, normalmente a culpa era atribuída aos violadores dos interditos que, por causa do seu comportamento, tinham atraído o castigo dos deuses. Pessanha viu recair sobre ele a condenação de toda a opinião pública local. Não foi expulso, não foi eliminado, mas auto-marginalizou-se e escolheu a morte lenta pelo ópio. António Dias Miguel ao referir-se ao comportamento de Camilo Pessanha, escreve que a sociedade não lhe perdoava a vida que levava : “outro indivíduo mais preocupado com os problemas de ordem moral da vida em sociedade não sentiria coragem de continuar em Macau, mas Camilo nutria para com todos esses problemas que fazem a preocupação dos medíocres, segundo pensava, a mais sublime e olímpica das indiferenças” (Camilo Pessanha, p. 172). Não creio que sentisse essa “olímpica indiferença” ao ver-se assim

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

rejeitado. Já atrás escrevi sobre o sofrimento causado pela opinião pública. Pessanha fugiu à regra? Por que se refugiou então no ópio? Passou os últimos anos só, abandonado, quase cadavérico!

TM – A sua vida terá sido uma profissão de fé marginal?

APP – Pessanha nada tem a ver com a sociedade macaense. Se tivermos em conta o que atrás disse sobre os valores dominantes em Macau na primeira metade do século XX, sobretudo sobre os conceitos de honra e vergonha, ele era a vergonha dos macaenses, ‘manchou o nome’ dessa comunidade ‘honrada e honesta’. Os próprios chineses o consideravam ‘o morto vivo’. Sendo o maior poeta simbolista português, tendo passado grande parte da sua vida em Macau e estando aqui sepultado, deveria ser considerado uma espécie de coroa de glória dos portugueses aqui nascidos. Mas não, ainda hoje nutrem por ele a mais ‘sublime das indiferenças’. Há dois anos, no dia dos fiéis defuntos, 2 de Novembro, fiz uma espécie de inquérito à entrada do cemitério de S. Miguel, onde Pessanha está sepultado. Em 70 entrevistados, macaenses, apenas um sabia quem era Camilo Pessanha e conhecia o local da sepultura. Talvez o programa de actividades organizado pelo IPOR sobre Camilo Pessanha consiga alterar esta situação, até porque Macau cresceu imenso, o sistema de valores da sociedade macaense já não é o mesmo e as próprias relações sociais se alteraram profundamente.

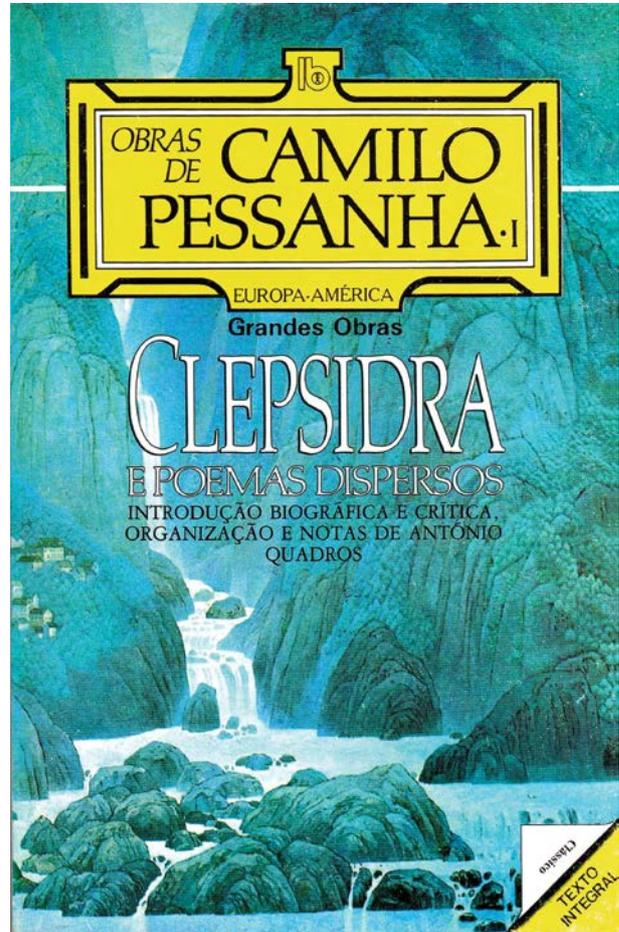
TM – Poderá existir uma intenção sociológica ou antropológica nos seus escritos?

APP – Se Pessanha foi um grande poeta simbolista, o mesmo não se pode dizer dos seus escritos socio-antropológicos. O mais conhecido é o prefácio ao livro de J. A. Filipe Morais Palha, *Esboço Crítico da Sociedade Chinesa*. Estávamos em 1912. A China entrava num período de grande convulsão após o fim da guerra sino-japonesa, queda da dinastia Manchú e proclamação da República. Era o tempo dos ‘Senhores da Guerra’. Pessanha visita Cantão, contacta com a vida quotidiana do povo chinês, os seus tribunais, locais de aplicação de justiça, passeia-se por becos e vielas, ruas comerciais, cruza-se com cortejos de casamentos, comitivas de mandarins e grupos de condenados. Enquanto descrição do funcionamento dos tribunais e da aplicação da justiça, sobretudo no ‘beco da morte’, o seu texto é uma verdadeira peça literária. Está cheio de humanismo, ternura e compaixão para com os condenados e de revolta para com os algozes e tipo de

justiça praticado: “*se o réu confessa, é mandado degolar; se nega, é posto a pratos até confessar, para seguir depois o mesmo destino. De modo que, a maior parte, como vi muitas vezes, confessa logo (...). O réu, carregado de pesadas cadeias pendentes do pescoço, dos pulsos e dos tornozelos, estava em frente, de joelhos, prostrado sobre as mãos. Nada restava neles de humano: eram coisas inanimadas, míseros andrajos, encrestados de lodo e de imundície, que algum trapeiro de má sorte desenterrara da vasa, nesses infectos canais descobertos que constituem o sistema de esgotos da cidade e ali deixara ao abandono*”. Somos levados a sentir compaixão pelos condenados e revolta perante a justiça e os tribunais chineses. Mas, ao antropólogo pede-se um ‘olhar distanciado’ em relação a tudo o que vai observando. E, sobretudo, não pode julgar o poder e as instituições de outras sociedades, a partir do ‘modelo’ do seu país, ou doutras culturas. Um comportamento considerado normal e até bom dentro dum sistema de valores, pode ser desviante e mau dentro de outro sistema. Pessanha julgou o comportamento dos chineses com base no sistema de valores dos europeus. E até esqueceu que essa mesma Europa, alguns anos atrás queimava vivos os hereges e as bruxas depois de passarem por torturas terríveis, idênticas às da China, expulsava os loucos e leprosos para a floresta. A própria pobreza não pode ser julgada fora do modo de produção dominante, e das relações sociais estabelecidas. Pessanha descreve os pobres de Cantão e Pequim como “*os mais sórdidos e abjectos*” da sociedade: não tinha visto os de Calcutá, Backtapur, “*estes apenas vestidos, por uma temperatura de mais de vinte graus abaixo de zero, com tijolo pendente da cintura, enterrados aqueles em um esterquilino de trapos – uns e outros tragicamente hirsutos, contorcendo-se em acessos verdadeiros ou simulados de epilepsia, agitando-se em convulsões de uma real ou fictícia doença de S. Vito, entretenendo os lazeres em catar e trincar os piolhos do próprio corpo e disputando aos corvos a carne putrefacta das cabeças abatidas pelo carrasco, expostas em gaiolas de caniço à borda do caminho*”. Deixa-se emocionar ao observar tanta miséria e degradação. Agarra nos aspectos mais degradantes e exóticos do povo chinês e, a partir daí, toda a China é um imenso país cheio de mendigos, bandidos e abominações. Tudo é abominável: “*o que verdadeiramente desaponta, sem remédio, o mal iniciado investigador de exotismos é o reconhecimento depressa feito, de que cada uma das abominações que se depara não é um fenómeno patológico individual, como em outro meio seria*

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

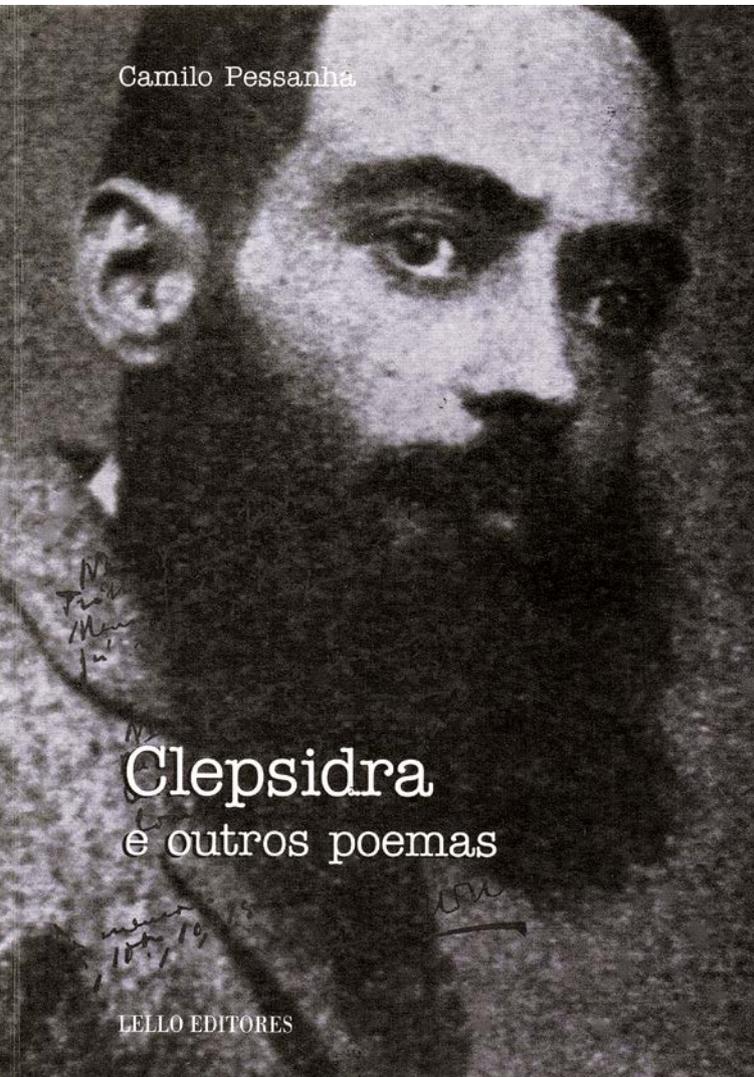
– um caso esporádico –, mas sim (tanto a alma dos chineses é uniforme) um traço positivo da fisionomia da raça”. Toma a parte pelo todo, e desses casos deduz que todos os chineses são indiferentes perante o sofrimento alheio, todos são exploradores, corruptos, “*todos atraíçoam a palavra empenhada*”, não tem “*sensibilidade nem, afectividade*”, todos praticam o squeeze (cf. “Introdução a um Estudo sobre a Civilização Chinesa”, in, *Contos, Crónicas, Cartas Escolhidas e Textos de Temática Chinesa, Publ. Europa-América, p. 127*). É ao caracterizar o povo chinês através do que observa nas suas viagens ‘turísticas’, sobretudo os exotismos – que são mais fáceis de detectar por estrangeiros – que Pessanha evidencia o seu etnocentrismo doentio. A China está cheia de exemplos na sua história de homens que se sacrificaram por ideias, que morreram por defender a verdade, a lealdade, na luta contra a corrupção. Alguns deles foram divinizados e até fazem parte do panteão Taoísta, por exemplo, Uat Yun, herói da festa do Barco Dragão. Pois para Pessanha, esses sacrifícios da vida são levados a cabo por “*verdadeiros poltrões e sem que os inspire qualquer nobre sentimento ou, ao menos, algum motivo razoável*” (idem, p. 123). É de mais! Até as cerimónias religiosas, procissões, casamentos e enterros, que para qualquer ocidental mereceria um olhar cheio de curiosidade e espanto pelo colorido, fausto, ruído, cerimonial, para Pessanha não passam de uma amálgama de “*fausto com a indigência, de ouropéis e de andrajos, de perfumes e fedores, de meticulosidade e de desmazelo, de refinamento artístico e barbária primitiva*” (idem, p. 139). Para Pessanha, tudo é falso no comportamento dos chineses. Não procura compreender o porquê das suas atitudes. Observa e condena. Sendo uma atitude etnocêntrica, é a negação da própria Antropologia que, no âmbito das ciências sociais, teve o mérito de ensinar a olhar com respeito para todas as culturas, a considera-las como boas, ao menos para aqueles que nelas vivem mergulhados, a não admitir mais culturas superiores e inferiores, mas apenas diferentes; que ‘valor’ num povo pode ser ‘contra-valor’ noutra. Pessanha não percebe, por exemplo, que o crime numa cultura, pode ser virtude noutra. A própria dor e sofrimento variam de povo para povo. O olhar de Pessanha sobre a cultura chinesa está cheia de racismo, de antipatia e desprezo. As descrições que faz sobre as ruas de Cantão, as multidões, o povo trabalhador, os alimentos, o artesanato, o comércio, poderiam perfeitamente ser consideradas obras-primas da Antropologia do Quotidiano se não fossem os



juízos de valor, o desprezo que evidencia perante tudo o que é chinês. Ora etnocentrismo e antropologia são incompatíveis. Não basta proferir sentenças jurídicas cheias de humanismo – autênticas peças literárias – para se poder ser considerado bom jurista. Se ferirem as normas do direito e tecnicamente estiverem cheias de erros, revelam um bom escritor, mas um mau jurista. Não é por Pessanha escrever belíssimos textos sobre a sociedade chinesa, seus usos e costumes, que pode ser considerado antropólogo. A dr^a. Paula Laborinho já chamou a atenção no último número de “A Tribuna” para o perigo da super-valorização de Camilo Pessanha.

Enfim, um pensamento polémico e diferente, mas não destituído de senso ou de fundamentação. É uma pitada de sal para temperar alguma cega apologética que começa a proliferar.

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS



DOIS POEMAS A CAMILO PESSANHA²⁶

Em Macau à procura de Camilo Pessanha

Onde foi a casa do poeta
agora é um pátio de escola em que brincam crianças
e tem à frente um baloiço
e lá atrás duas árvores.

Na esquina da rua com o seu nome
um mendigo serrazina a sua viola
e o som alonga-se chorado,
chora e perde-se devagar
nas outras ruas que levam

à Travessa do Pagode,
à porta da loja onde ainda o espera
o amigo antiquário Ah-Men.

Já ninguém sabe o destino
do cachimbo com que inventava
paraísos e princesas
ou sereias, com seus cantos,
músicas e campos de liliáceas,
cores de mil maravilhas
ao mundo que bem sabia
que era mais o daquele mendigo
àquela esquina para a Sam Má-lô
e a sua viola chorando
pela moeda de meia pataca
que também eu me esqueci de deitar
na tigela que tinha ao lado.

Pedro da Silveira,
Corografias, Lisboa, 1985.

Camilo Pessanha I

Um aroma subtil.... Um lume. Um fumo leve.
Um delicado ritual.
O impulso breve que se descreve.
Quase indiscreto, quase sensual.

A música interior apenas murmurada.
A luz defusa. Trémulas imagens.
Ondas de Iva. Exílio. A flor despetelada.
Viagens.

Onde singra o navio sombreado de tédio ?
Oscila. O sorvedouro de uma esteira.
A súbita emoção. O clarim do assédio
Desenrola a bandeira.

O ópio envolve o sonho num afago.
Já tudo tão distante ! Tão inútil ! Tão vago !

António Manuel Couto Viana,
No Oriente de Macau, 1987.

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

ANA PAULA LABORINHO

ACERCA DO ORIENTALISMO DE CAMILO PESSANHA²⁷

Foi muito agradável a conversa que mantive na passada semana com António Aresta a propósito de Camilo Pessanha. Descobrimos alguns gostos comuns, entre os quais Roland Barthes e, em particular, o prazer do texto, citação que me é indispensável quando falo de poesia. Porque antes de todos os exercícios críticos (e para que eles resultem), é preciso deixarmo-nos embrenhar nas malhas da sedução que as palavras tecem. Compreender essa rede fará parte do momento seguinte, aquele em que propositadamente nos distanciamos do objecto que é a escrita de um escritor e o olhamos na compreensão\ordenação do seu emaranhado de sentido. Talvez falte às escolas uma pedagogia da leitura em que no princípio esteja o prazer... Talvez o indiscriminado ensino de teorias literárias (estruturalismos, semióticas, modelos actanciais e axiológicos) nas escolas secundárias – culpa do passado que ainda hoje pagamos – tenha afastado muitos jovens da leitura, não lhes dando a experimentar esse impulso interior que nos atira para dentro de um livro e nos leva a fechar o círculo\mundo em nosso redor. Ali ficamos sem espaço e sem tempo e com tanto maior prazer quanto alheamento....

Mas isto foi o início da nossa conversa que é sempre como as cerejas. Quando divagava sobre o prazer da leitura, pensava em Camilo Pessanha, porque ele merece ser lido e lido com prazer, aquela emoção estética em que a poesia é pródiga sobre todos os outros escritos.

António Aresta e eu continuamos o percurso e apesar de considerar que o artigo que resultou da nossa conversa, revela que me acompanhou nos meus excursos, falhou um ponto que considero de pormenor, mas como se tratava de um lugar-comum que era minha intenção desvanecer, aqui fica a devida rectificação.

A propósito do orientalismo de Camilo Pessanha, referi que ele não surge com Macau (e aparece o contrário na entrevista). Já nos tempos de Coimbra, o poeta utiliza imagens orientais como no poema “Lúbrica”, onde emerge a figura de uma mulher vagamente oriental “de boca fresca, pequenina”, “carne branca e palpitante”, adormecida “quando o peso do cansaço\ a sepulta na morna letargia”, enquanto o poeta deseja encontrar o mesmo estado de prostração e embriaguez que o levem a “Entrever, sobre fundo esvaecido\ dos fantasmas da febre o incerto mar”. Ao pretender evadir-se por meio do fumo (e de que o fumo é a própria figura

da evasão) o sujeito deseja ser “Como os ébrios chineses, delirantes.\Respiram, a dormir, o fumo quieto, \ Que o seu longo cachimbo predilecto \ No ambiente espalhava pouco antes...”.

O Oriente, antes da passagem por Macau, é para Camilo Pessanha, antes do mais, um lugar de evasão, um “paraíso artificial”, como diz Baudelaire. Trata-se de uma influência da escola simbolista, mas é muito mais que um mero efeito decorativo. Enquanto lugar de evasão, o sujeito nunca com ele se confundirá e serve-lhe sobretudo para estabelecer as correspondências e mostrar a irrealidade do que o envolve. “Suggérer, voilà le rêve”, diz Mallarmé e tal afirmação não é mais do que uma outra forma de desenvolver as correspondências de Baudelaire. Através da sugestão, da evocação ou de uma correspondência pretende-se ligar o que estava desligado (num movimento semelhante ao da metáfora) e, através dessa aproximação por vezes grotesca, em que se unem sensações e objectos, tomando uns pelos outros, pretende-se atingir um conhecimento transcendente que nega as evidências.

A poesia de Camilo Pessanha experimenta esta mesma luta para captar aquilo que romanticamente se chamou de inefável e que na sua impossível definição é bem objecto dessa procura incisiva na realidade. Explica-se desta forma a característica passividade do poeta – tudo acontece interiormente. O olhar que recorta a paisagem deseja perscrutá-la mais além e, por isso, pouco importa os seus contornos porque tudo é representação do espírito e fusão consigo mesmo.

Deste modo, não é estranho entender os textos de Camilo Pessanha vigorosamente anti-chineses, como acontece no notável Prefácio que escreveu para a obra “China”, de Morais Palha. Nem sequer será de manifestar perplexidade quando se sabe que Camilo Pessanha tratava os chineses com alguma afabilidade. A paisagem de Macau, como todas as paisagens, são para recusar e experimentar aversão, embora este nojo seja ainda assim um outro lado da atracção. Não esqueçamos que o simbolismo deve bastante ao romantismo e como este descobriu o belo horrendo.

Se o poeta deve alguma coisa à paisagem oriental é porque as águas turvas, o ar pesado, as sórdidas ruas, as cores e cheiros intensos exerceram nele uma espécie de putrefacção interior que mais acentuaram as experiências íntimas. É possível que o conhecimento da literatura chinesa tenha reforçado nele a tendência para uma certa desarticulação lógica, para a enunciação das coisas e das suas qualidades sem dependências muito rígidas. E nesse sentido (como em outros), ele é um representante maior do simbolismo

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

português, excedendo a técnica excessivamente cerebral que encontramos em “Oaristos”, de Eugénio de Castro. O Oriente é em Camilo Pessanha uma profunda experiência existencial que ligada à experiência estética produz uma poesia sofrida que, assim, em sangue, se transmite ao leitor. Mas, se de Macau algum olhar do poeta desejamos ouvir, termino com um dos poemas que só entendi quando num dia de visita ao templo de A-Ma olhei a água e vi...

"Ao longe os barcos de flores...."

Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila,
- Perdida voz que de entre as mais se exila,
- Festões de som dissimulando a hora –

Na orgia ao longe, que em clarões cintila
E os lábios, branca, do carmim desflora...
Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila...

E a orquestra ? E os beijos ? Tudo a noite, fora,
Cauta, detém....Só modulada trila
A flauta febril... Quem há-de remi-la ?
Quem sabe a dor que sem razão deplora ?

Só, incessante, um som de flauta chora..."

Macau, 30 de Junho de 1990.

Em jeito de aditamento²⁸

Ana Paula Laborinho achou por bem introduzir esta pequena precisão no ‘corpus’ da entrevista concedida há duas semanas.

Publicamo-la na totalidade porque respeitamos os valores da integridade intelectual das ideias, sempre difíceis de captar ao correr da pena.

Além do mais, este aditamento enriquece o debate em curso.

António Aresta

ARNALDO SARAIVA²⁹

COMO PODE CONSIDERAR-SE ANTI-
CHINÊS UM HOMEM QUE SABIA 3500
CARACTERES ?³⁰

Arnaldo Saraiva, prestigiado investigador e

professor na Faculdade de Letras do Porto, encontra-se em Macau a convite do IPOR, Instituto Português do Oriente, no âmbito das comemorações do 70º aniversário da publicação da *Clepsidra*. Seria imperdoável deixar escapar esta oportunidade, a de escutar este especialista da literatura portuguesa sobre Camilo Pessanha. Permitimo-nos transcrever as palavras com que abriu a ‘PERSONA’ 10, integralmente dedicada a Camilo Pessanha, em 1984 : “*Só um povo distraído, leviano, amante do desperdício pode dispor de um poeta da grandeza de Camilo Pessanha – e não dar por ele, ou por isso. Quase 60 anos após a sua morte, ainda poucos conhecem, raros lêem e raríssimos estudam poemas que, antes de serem publicados, já sabiam de cor homens como Pessoa e seus companheiros*”.

O crescente interesse pela figura e pela obra de Camilo Pessanha resulta de uma ampla “*conjugação de esforços, que vão da pluralidade de edições populares até aos estudos que vão aparecendo em revistas, passando pelas teses académicas ou pelo empenhamento de diversos estudiosos*”. É evidente ou notório “o fascínio que a obra de Camilo Pessanha exerce sobre as novas gerações – Pessanha é um poeta moderníssimo cuja linguagem está muito perto da linguagem das novas gerações, particularmente na contenção do anti-retoricismo, na sugestão, na enunciação cuidada e também na preocupação com o que é frágil e com o que é mínimo”.

Poderá caber Pessanha, a sua obra, dentro do conceito de literatura marginalizada ? “Pessanha teorizava o génio póstumo e tinha consciência da distância que o separava dos produtores literários do seu tempo. Tinha a consciência, mais ou menos clara, do valor da sua obra, pelos testemunhos de auditores, amigos ou leitores, inclusive Fernando Pessoa, que encontrou, e que sabia de cor alguns dos seus poemas. Tendo em conta o pouco conhecimento que muitas camadas instruídas tem de Pessanha, o pouco interesse pela edição crítica da ‘Clepsidra’, que Barbara Spaggiari não chegou a fazer, e o desinteresse pelas colaborações diversas, dispersos, cartas e prosas, poderemos concluir que, na verdade, tem sido marginalizado. Mas é evidente que ele foi considerado um marginal em vida e não só como escritor. Talvez possamos dizer que ele se quis um marginal, tanto literária como socialmente. Nunca se interessou pela publicação dos seus trabalhos, nunca fez vida literária, nunca adulou professores, jornalistas, editores ou críticos e escolheu viver no exílio ou na distância. Apesar das suas actividades profissionais

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

e sociais, ele viveu boa parte da sua vida fechado na sua casa, auto-excluindo-se da sociedade que o criticava e por vezes o incompreendeu até à perseguição e calúnia”.

Pessanha, a cultura e a sociedade chinesas. Inevitavelmente uma temática em foco, motivada sobretudo pela entrevista anterior. Evitando polémicas inúteis, parece que há “uma má consciência cultural que impede o mínimo de objectividade. É a posição de um neófito que peca por excesso de zelo ou por escrúpulo ultradefensivo, que imputa o erro invertido : como é que pode considerar-se anti-chinês um homem que escolheu viver com mulheres chinesas com quem tinha excelentes relações ? que sabia 3 500 caracteres chineses, que colecionou objectos etnográficos, que colecionou e doou ao Estado português objectos artísticos, que meticulosamente seleccionou e adquiriu, que é uma das melhores colecções de arte chinesa existente em Portugal ; que recusou viver em Portugal, incompatibilizado com a vida metropolitana, escolhendo viver em Macau, à margem dos portugueses, procurando a companhia chinesa, achando “*o meio mexeriqueiro e boçal – a todos os respeitos misérrimo*” . Ele escreveu, numa conferência de 1910, que a raça chinesa era melhor dotada que a portuguesa e que atingia um alto grau de cultura, mau grado os defeitos que ostentava. Ele que não se considerava sinólogo, mas um simples diletante de sinologia, traduziu elegias, lendas, contos e provérbios chineses e falou no intenso prazer espiritual que o estudo da língua chinesa e dos seus monumentos proporcionava a quem se dedicava a ela. No fundo, o que ele condena nos chineses é o que ofende qualquer consciência democrática. Não repugna admitir, apesar de o considerar um grande poeta, erros, visões defeituosas, vícios etnocêntricos, se isso corresponder à verdade. Posso admirar a poesia de F. Villion mas condená-lo por ter cometido um assassinato. Pessanha revelou em relação á cultura chinesa um grande amor, muita atenção e dedicação e uma visão próxima da menos etnocêntrica visão moderna. Além disso, ele tinha boas relações com alguns sinólogos de Macau, em particular com José Vicente Jorge”.

Camilo Pessanha e os outros. Que relacionamento existiria com os representantes das escolas estético-literárias posteriores ?

“Pessanha é considerado um Mestre pelos modernistas, nomeadamente Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros, que quiseram

publicar textos seus no ‘Orpheu’, o que não foi possível por circunstâncias várias. Luís de Montalvor, outro homem do ‘Orpheu’, empenhou-se em publicar na revista ‘Centaur’ muitos dos poemas que Pessoa pretendia publicar no ‘Orpheu’. Sabe-se também que de Paris Mário de Sá-Carneiro tinha pedido a Pessoa alguns poemas de Pessanha, que sabia de cor. Depois, o movimento da ‘Presença’ reconheceu a mestria de Pessanha, que distinguiu de entre todos os simbolistas e João Gaspar Simões viria mesmo a publicar um dos primeiros grandes estudos sobre a vida e obra do poeta. E da geração dos anos 40 para cá não nos é difícil apontar nomes como Jorge de Sena, Eugénio de Andrade ou mais recentemente António Osório (familiar dos maiores amigos, em Portugal, de Pessanha : Alberto Osório de Castro, Ana de Castro Osório e João de Castro Osório), Vasco Graça Moura, Luís Miguel Nava, entre outros, que proclamam sem ambiguidade a grandeza poética de Camilo Pessanha e as suas dívidas pessoais em relação ao autor da ‘Clepsidra’. E no ensaísmo é patente o renovar de interesse por Camilo Pessanha”.

Aparentemente, numa inflexão de rumo, quisemos saber se as literaturas orientais, e a chinesa em particular, eram objecto de estudo na Faculdade de Letras do Porto. “Apesar das promessas que vieram com o 25 de Abril e dos esforços para estimular as relações culturais com outros países, continuamos a cometer alguns erros típicos das décadas anteriores que, inclusivamente fizeram com que Portugal ignore a cultura árabe que tantas marcas deixou na cultura portuguesa, ou fizeram que a presença portuguesa em Goa seja quase uma saudade. Continuamos em Portugal a privilegiar culturas já privilegiadas como a francesa ou a inglesa e agora insistimos com demasiada ênfase na Europa, esquecendo grandes culturas como a chinesa, a japonesa e outras. Ainda recentemente lamentei, numa crónica, que ninguém ou quase ninguém em Portugal estude mandarim ou cantonense, hindi, urdu ou algumas das principais línguas soviéticas, para já não falar de línguas românicas tão desprezadas como o romeno e o italiano, língua esta que me parece mais pujante do que a própria língua francesa. Se estamos numa ‘aldeia global’, seria bom que não olhássemos quase exclusivamente para algumas comunidades que agora ou no futuro estarão em previsível decadência”.

E que conhecimento é que existirá em Portugal da produção intelectual e editorial de Macau ?

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

“Macau é longe e a comunidade macaense nunca impôs as suas vozes na Europa. Lamento particularmente a ausência de estudos que só podem ser feitos em Macau, sobre as tradições orais populares, como por exemplo, sobre o romanceiro ou sobre as adivinhas. Ultimamente, porém, há alguns sinais provocados por instituições culturais locais que apontam para um intercâmbio que desde há muito se impunha. Antes de viajar para Macau, foi-me dado assistir no Porto a um concerto da Orquestra Chinesa de Macau, que me pareceu de qualidade excepcional”.

E por aqui nos ficamos. Com a convicção de que ficou muito por dizer e que talvez haja uma outra ocasião.

EUGÉNIO DE ANDRADE³¹

PESSANHA É UM POETA TÃO GRANDE QUE MACAU INTEIRO NÃO CHEGA PARA SEU TÚMULO³²

Camilo Pessanha e Macau. Um binómio inevitável para uma conversa fiada que nunca se quis assumir como um dialogismo. “*Eu quase que recebi uma ordem para ler Camilo Pessanha*”, recorda Eugénio de Andrade com os olhos perdidos no tempo. “*Sabe*”, continua o poeta, “*ai pelos meus 14 ou 15 anos, no Jardim da Estrela, encontrei um papelinho cuidadosamente dobrado. Podia ser um bilhete de crianças ou de namorados. Mas não era. Era uma relação de obras literárias muito boas, talvez uma indicação dada por um professor informado. Vinha lá um livro e um autor inteiramente desconhecidos para mim : a ‘Clepsydra’ e Camilo Pessanha*”. E sem se deter, Eugénio de Andrade conta como teve o primeiro contacto com aquele que considera ser o quarto maior poeta português. “*Pouco tempo depois fui à Barateira e, por vinte e cinco tostões comprei a ‘Clepsydra’. O livro tinha sido publicado pelas Edições Lusitânia*”. Foi um deslumbramento cada vez mais amadurecido e interiorizado, sobretudo pela identificação dessa mesma “*paixão da lucidez*”, até porque “*o poeta é sempre um homem que procura conciliar os contrários*”, na esteira do velho Heraclito. “*Aprendi o ofício de poeta com Fernando Pessoa*”, salientando a sua “*grande amizade com António Botto*”, mas “*o único poeta a quem secretamente chamo mestre é a Pessanha*”, daí que tenha procurado “*deliberadamente utilizar fragmentos das temáticas poéticas de Pessanha, inclusive algum léxico*

peculiar, não só para recordá-lo, mas sobretudo para me inscrever numa matriz poética comum”. Pessanha é, na opinião de Eugénio de Andrade, “*uma referência que enobrece. Eu quero que se saiba qual é a minha família poética : Luís de Camões, Fernando Pessoa, Cesário Verde e Camilo Pessanha*”.

Em Macau, Eugénio de Andrade foi depor um ramo de crisântemos no túmulo de Pessanha. “*É um poeta tão grande que Macau inteiro não chega para seu túmulo*”. Sobre as questões biográficas, recorda o saber de António Dias Miguel, “*que não vejo há uns anos e que é o principal especialista*”, não se detendo muito nas contradições do homem. “*Em Pessanha interessam-me muito mais os versos e não as cuecas, visto que a moral pouco ou nada tem a ver com a poesia*”. Pessanha “*apreciava a cultura chinesa, gostava de arte, de poesia, da faiança ou da pintura, ao mesmo tempo que o seu comportamento se orientalizava, sobretudo na indiferença e numa certa abulia que diria muito especial, entre outros aspectos, é claro*”.

Se respondesse ao questionário de Proust, Eugénio de Andrade limitar-se-ia a dizer : “*Para uma ilha deserta levava a ‘Clepsydra’. Bastava-me. Pessanha é inimitável. É um dos grandes nomes da poesia de todos os tempos*”. Quer para Pessanha, quer para Eugénio de Andrade, poderão recordar-se estes versos de Baudelaire : “*Tout ce qui est noble et beau est le résultat de la raison et du calcul*”.

ANTÓNIO ARESTA

PESSANHA NA BIBLIOTECA DO LEAL SENADO³³

A exposição biobibliográfica dedicada a Camilo Pessanha, organizada por Daniel Pires, sob os auspícios do Instituto Português do Oriente e patente na belíssima Biblioteca do Leal Senado (de 9 a 27 de Novembro), é um acontecimento cultural notável que corre o risco de cair no olvido, dada a pequena dimensão do Território.

E se nos lembrarmos que Pessanha não está, ainda, traduzido para a língua chinesa, mais atomizado está o interesse que despertará.

Esta exposição, lê-se no catálogo, “*propicia dados factuais desconhecidos da biografia de Camilo Pessanha e, conseqüentemente, uma visão abrangente e dialéctica, circunscrita erroneamente pela maioria dos seus exegetas à ‘Clepsydra’, para além de apresentar a ‘bibliografia activa*

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

e passiva mais exaustiva do poeta”.

Desnecessário se afigura reafirmar a sua importância no contexto da revalorização da figura e da obra de Camilo Pessanha. E esse empreendimento passa, inevitavelmente, pela qualidade da pedagogia da comunicação.

Esta exposição deveria ser exibida em Portugal, sobretudo em Lisboa, no Porto e em Coimbra. Merecem-na os estudantes, os professores, os críticos, os historiadores da literatura e o público em geral.

Além do mais, a imprensa portuguesa saberá certamente avaliar com isenção e com espírito crítico esta exposição. O Presidente da República, Mário Soares, visitou-a e disse que era um privilegiado por poder vê-la em Macau. Porque não em Portugal ?

O magnífico trabalho de Daniel Pires deve de facto ser mostrado no nosso país. Caso isso não venha a suceder, estaremos mais uma vez perante uma das muitas situações em que o nosso panorama cultural é fértil : a pouca divulgação e promoção da vida e obra de um dos maiores vultos da cultura portuguesa.

O Instituto Português do Oriente que ao longo deste ano tem promovido várias iniciativas que assinalam os 70 anos da publicação da ‘Clepsidra’ estará, certamente, apostado em levar a importante exposição a Portugal, proporcionando assim a todos os interessados a magnífica oportunidade de conhecer um pouco melhor a vida e obra de Camilo Pessanha.

ANTÓNIO QUADROS³⁴**PESSANHA: UM POETA SAUDOSO DO AMOR E SAUDOSO DAS RAÍZES³⁵**

O Dr. António Quadros, prestigiado intelectual e filósofo de reconhecido valor, acedeu gentilmente a responder-nos a algumas questões na qualidade de estudioso de Camilo Pessanha. É um depoimento com inegável valor, a emparceirar na já longa série de entrevistas aqui estampadas.

TRIBUNA de MACAU [TM] : Em que circunstâncias é que surgiu o seu interesse pelo estudo da obra de Camilo Pessanha ?

ANTÓNIO QUADROS [AQ] : Embora já de há muito o conhecesse, e minha mãe, Fernanda de Castro, me tivesse dito que tínhamos laços familiares

com Camilo Pessanha, só cheguei verdadeiramente ao estudo da sua obra pela via de Fernando Pessoa. Ao escrever a biografia deste último, ao organizar a sua obra para duas editoras, a Lello e a Europa-América, ao analisar em profundidade a sua poesia, constantemente encontrei, não só referências admirativas do autor da *Mensagem* ao autor da *Clepsidra*, como sobretudo a influência estilística deste naquele. Convidado pela Europa-América em 1988 para organizar a *Obra Poética* de Pessanha, logo senti primeiro a necessidade de reformular de forma inteiramente diversa das edições de João de Castro Osório na Ática, muito embora reconhecendo o seu valor como pioneiro ; e depois, de coligir um outro volume em que incluísse as suas prosas, as suas traduções de poesia chinesa e numerosos elementos documentais que andavam dispersos. O meu trabalho não teria sido possível, devo dizê-lo, sem o trabalho precursor dos estudiosos que me antecederam e sem a colaboração directa e amiga do Dr. Danilo Barreiros, a quem aproveito para prestar aqui a minha homenagem reconhecida.

TM : Será lícito inscrever Pessanha entre os precursores de alguma filosofia existencialista ?

AQ : Só muito remotamente, quanto a mim, Camilo Pessanha pode ser considerado um precursor do existencialismo. O existencialismo é o reverso do idealismo, e todos os simbolistas foram no fundo idealistas, insatisfeitos talvez com esta existência, mas almejando uma existência outra, mais próxima das essências, as quais são sugeridas, quer no imaginário de um além das formas exteriores, quer na música dos poemas, ela própria um caminho subtil. Em Pessanha encontramos uma grande angústia e também formas de interrogação céptica, mas que se sublimam em nostalgia, saudade, aspiração de transcendência. É também um poeta saudoso (embora não ‘saudosista’) : saudoso do amor e saudoso das raízes. Mesmo quando há desespero, nalguns dos seus poemas, eles exprimem uma estética do belo e não, como por exemplo no Sartre de *A Náusea*, uma estética do feio que é a metáfora sensível do nada.

TM : Em seu entender, que razões terão contribuído para a marginalização ou obscurecimento de Pessanha ?

AQ : Em vida, viveu longe da terra natal, publicou já tarde a *Clepsydra* e faltou à época uma divulgação editorial e jornalística mínima. Foram os modernistas, sobretudo, que nele reconheceram um mestre. Quem

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

primeiro lhe fez justiça na imprensa foi António Ferro, muito ligado a Pessoa e Sá-Carneiro, com um artigo entusiástico no jornal *A Situação*, logo em 1920, em que dizia: “Cumpriram-se os nossos votos. A nossa geração tem um missal. Saiu o livro de Camilo Pessanha. A alma de nós todos, desnorreada, tem enfim um relógio”. E indignava-se porque “ninguém o sabe, ninguém comenta, ninguém fala desse inventor de ritmos novos, dessa glória de Portugal, dessa glória da nossa época”, que era a seu ver Pessanha. Antes da saída da *Clepsydra*, os seus versos já andavam de mão em mão, entre os poetas do Orpheu. Contudo, a sua repercussão na opinião pública tardou, como temera Ferro. Só muito mais tarde João de Castro Osório viria a reunir outros poemas dispersos aos de *Clepsydra*. Quanto às prosas e às traduções de chinês, ninguém as conhecia nos meios literários lisboetas. É preciso reconhecer que um só livro publicado, e de pequena tiragem, é insuficiente para sancionar uma grande reputação literária, sobretudo quando é composto de um grupo de poesias subtis, exigentes de uma apurada apreciação estética. Se contudo, Pessanha tardou a atingir o seu verdadeiro estatuto junto das maiorias, é curial acrescentar que teve sempre leitores e admiradores incondicionais, entre os verdadeiros conhecedores da poesia. O crescimento da fama de Pessoa trouxe necessariamente uma reavaliação do poeta que ele colocava entre os seus mestres, ao lado de Antero, de Cesário e de Nobre.

TM : Está ao corrente das iniciativas que o IPOR está a levar a cabo para recolocar Pessanha no lugar cimeiro a que tem direito ?

AQ : Não estou ao corrente de tais iniciativas, a não ser o apoio da Fundação Oriente e do Instituto Cultural de Macau para a exposição de pinturas de Pedro Barreiros inspiradas na *Clepsydra*, para cujo catálogo escrevi com muito gosto um prefácio. Seja como for, congratulo-me por ver enfim a obra do grande poeta devidamente valorizada. Há aspectos que ainda não foram devidamente investigados ou estudados. Seria interessante, por exemplo, realizar uma exposição – Camilo Pessanha, reunindo não só iconografia, bibliografia e documentação relativas à sua personalidade e obra, mas também as peças artísticas que ele colecionou na sua estadia em Macau e nas suas deslocações para outras cidades da China. Queria, enfim, acrescentar que, editados em formato de bolso e com preços baratos, os dois volumes da sua *Obra Poética* e em *Prosa*, que organizei, prefaciei e anotei, tem uma expansão em largos meios e levaram a mensagem da sua obra muito para lá do seu habitual público de elites eruditas. **RC**

NOTAS

- 1 “Carta de Fernando Pessoa a Camilo Pessanha”, in , *Homenagem a Camilo Pessanha*, Organização, prefácio e notas de Daniel Pires, Ed. Instituto Português do Oriente/Instituto Cultural de Macau, 1990, p. 121.
- 2 Relato sobre uma conferência de Camilo Pessanha sobre a literatura chinesa, publicado no jornal “O Progresso”, de Macau, 21.03.1915 , cf. *Camilo Pessanha, Prosador e Tradutor*, Organização, prefácio e notas de Daniel Pires, Ed. Instituto Português do Oriente/Instituto Cultural de Macau, 1992, p. 165.
- 3 *Clepsydra e Outros Poemas de Camilo Pessanha*, organização de João de Castro Osório, Edições Ática, 1969, p. 159.
- 4 António Aresta, *Figuras de Jade. Os Portugueses no Extremo Oriente*, Edição do Instituto Internacional de Macau, 2014, p. 27.
- 5 Padre Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, Vol. I, Imprensa Nacional, Macau, 1979, p. 21.
- 6 Edição da Direcção dos Serviços de Educação e Cultura/Biblioteca Nacional de Macau, nota introdutória de Manuel Coelho da Silva, prefácio de José Augusto Seabra, Macau, 1986.
- 7 O programa de actividades, de 21 a 26 de Abril de 1986, teve os seguintes participantes : Amílcar Martins, Ana Correia, Bianca Machado, Carlos Marreiros, Celina Veiga de Oliveira, Énio Souza, Felisbina Gomes, Gonçalo Morais, Graça Jácome, Graça Marques, Helena Vale, Ho Veng On, Iva Flores, José Bettencourt, Lara Caixeiro, Luís Cabral, Manuela Vale, Maria dos Anjos Morais, Maria do Rosário Vidal, Natividade Flores, Pedro Ferreira, Raquel Moz, Sílvia Osório, Tang Hin Hei, Teresa Noronha e Vera Cristina.
- 8 Catálogo *Clepsydra de Camillo Pessanha vista por Pedro Barreiros*, Edição do Instituto Português do Oriente, 1990, p. 15.

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

- 9 Idem, idem, p. 9.
- 10 Com os artigos : “Camilo Pessanha, 70 Anos da Clepsidra”, s/autor, pp. 133-135 ; “Camilo Pessanha e as Miragens do Texto”, de José Augusto Seabra, pp. 137-142 ; Daniel Pires, “Uma Carta Inédita de Camilo Pessanha”, pp. 159-161. Neste mesmo número foi reeditado em fac-simile integral o “Caderno de Poemas” de Camilo Pessanha, pp. 143-158.
- 11 Com os artigos : “Pessanha em Camisa, excertos para um retrato íntimo”, de Luís Sá Cunha, pp. 5-8 ; vários, “Fragmentos Privados I”, pp. 11-24 ; “Praia Grande 75, A Casa Revisitada”, de Luís Sá Cunha, pp. 25-33 ; Vários, “Fragmentos Privados II”, pp. 34-35 ; “A Casa-para-a Morte”, de Carlos Morais José, pp. 36-44 ; Álbum de fotografias cedidas por Victor Hugo Marreiros e Luís Sá Cunha, “Macau no Ano da Morte de Camilo Pessanha”, pp. 46-60. Nas ilustrações, há reproduções de obras de Nuno Barreto, Carlos Marreiros e Victor Hugo Marreiros.
- 12 Foram palestrantes António Dias Miguel e Arnaldo Saraiva.
- 13 Sob a égide do Instituto Português do Oriente, o “Prémio Camilo Pessanha” foi atribuído às seguintes personalidades : 1990 – José Jorge Letria [Oriente da Mágica] ; 1991 – Graciete Batalha [Bom Dia S'tora] ; 1992 – A.M. Couto Viana [Até ao Longínquo China Navegou] ; 1993 – Rodrigo Leal de Carvalho [Requiem por Irina Ostrakoff] ; 1994 – Cândido Azevedo [Goa, Damão e Diu, factos, comunidade e lazer nos meados do século XX] ; 1995 – Natália Providência [Viagem Impossível] ; 1996/97 – Fernando Sales Lopes [Pescador da Margem]. Inexplicavelmente este Prémio terminou.
- 14 Homenagem a Camilo Pessanha, Organização, prefácio e notas de Daniel Pires, Ed. Instituto Português do Oriente/Instituto Cultural de Macau, 1990, 206 pp.
- 15 *Camilo Pessanha, Prosador e Tradutor*, Organização, prefácio e notas de Daniel Pires, Ed. Instituto Português do Oriente/Instituto Cultural de Macau, 1992, 319 pp.
- 16 Coordenação de António Andrade e Daniel Pires, edição do Instituto Português do Oriente, 1990, 52 pp.
- 17 Selecção de imagens e texto de Daniel Pires e Orientação gráfica de António Andrade, edição do Instituto Português do Oriente, 1990.
- 18 *Camilo Pessanha, o Jurista e o Homem*, Edição Instituto Português do Oriente/Instituto Cultural de Macau, 1993, 568 pp.
- 19 Licenciado em Filologia Clássica. Foi Leitor na Universidade de Bordéus e frequentou cursos especializados nas Universidades de Aix-en-Provence, Besançon e Grenoble. Foi presidente da Associação de Professores de Francês em Portugal. Foi metodólogo itinerante e metodólogo de Português no Liceu Pedro Nunes. Ao longo de vinte e três anos foi professor no Colégio Militar. Tem uma extensa bibliografia publicada, nomeadamente obras didácticas, poesia, literatura infantil, crónicas de viagem ou ensaios. Escreveu duas monografias essenciais para o conhecimento de Camilo Pessanha : *Algumas Páginas Desconhecidas de Camilo Pessanha* (1955) e *Camilo Pessanha : elementos para o estudo da sua biografia e da sua obra* (1956). Sobre Pessanha, tem ainda colaboração assinada na revista ‘Labor’, no ‘Diário de Lisboa’, no ‘Comércio do Porto’ e no ‘Diário Popular’.
- 20 Entrevista conduzida por António Aresta e publicada no semanário “Tribuna de Macau” de 19.05.1990, p. 10.
- 21 Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e do Departamento de Estudos Portugueses da Universidade da Ásia Oriental, em Macau. Presidente da Associação de Literatura Comparada de Macau. Presidente do Instituto Português do Oriente, 1996-2002. Presidente do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua. Entre as suas publicações, destacam-se *O Essencial sobre Wenceslau de Moraes*, 2004 e *Macau na Escrita, Escritas de Macau*, 2010.
- 22 Entrevista conduzida por António Aresta e publicada no semanário “Tribuna de Macau”, de 26.05.1990, p. 11.
- 23 Publicado no semanário “Tribuna de Macau”, 26.05.1990, p. 11.
- 24 Professor, antropólogo e técnico superior dos Serviços Recreativos e Culturais do Leal Senado de Macau, que chegou a chefear. Autor de *Ano Lunar da Cobra*, 1989, *O Chá*, 1990, *O Culto dos Antepassados em Macau*, 1996.
- 25 Entrevista conduzida por António Aresta e publicada no semanário “Tribuna de Macau”, de 02.06.1990, pp. 10-11.
- 26 Publicados no semanário “Tribuna de Macau”, de 02.06.1990, p. 11.
- 27 Publicado no semanário “Tribuna de Macau”, 09.06.1990, p. 11.
- 28 Semanário “Tribuna de Macau”, de 09.06.1990, p. 11.
- 29 Professor Associado da Faculdade de Letras do Porto, fez estudos superiores no Brasil, em França e na Itália. Foi Leitor na Universidade da Califórnia. Colaborador assíduo na imprensa escrita, da RTP e da Rádio. Fundador do Centro de Estudos Pessoaanos, é co-director da revista ‘Persona’ e dirige o jornal ‘O Boavista’. Participou em diversos filmes portugueses. Entre a sua extensa bibliografia destacamos ‘Encontros Desencontros’, 1973, ‘Bilinguismo e Literatura’, 1975, ‘Fernando Pessoa e Jorge de Sena’, 1982 ou ‘O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português’, 1983.
- 30 Entrevista conduzida por António Aresta e publicada no semanário “Tribuna de Macau”, de 09.06.1990, p. 10.
- 31 Eugénio de Andrade, pseudónimo de José Fontinha (1923-2005), tem uma extensa obra onde se destacam *As Mãos e os Frutos*, 1948, *Coração do Dia*, 1958, *Os Afluentes do Silêncio*, 1968, ou o *Limiar dos Pássaros*, 1976. Recebeu o Prémio Camões em 2001. Convidado a deslocar-se ao Território pelo Instituto Cultural de Macau. Foi apresentada uma antologia bilingue da sua obra, *Com Palavras Amo*, seleccionada e traduzida por Yao Jingming. Na Galeria da Livraria Portuguesa, o Instituto Cultural de Macau apresentou a Exposição “Eugénio de Andrade, Retratos”, com 28 obras, coordenada por Ana Leandro, patente de 9 a 20 de Outubro de 1990.
- 32 Entrevista conduzida por António Aresta e publicada no semanário “Tribuna de Macau”, de 13.10.1990, p. 14.
- 33 Artigo publicado no semanário “Tribuna de Macau”, de 24.11.1990, p. 21.
- 34 António Quadros (1923-1993), filósofo, ensaísta e uma das grandes figuras da cultura portuguesa contemporânea. Autor de uma extensa bibliografia, nomeadamente *Modernos de Ontem e de Hoje*, 1947, *Crítica e Verdade*, 1964, *A Arte de Continuar Português*, 1978, *Portugal, Razão e Mistério*, 1986/87, *Obra Poética e em Prosa de Camilo Pessanha*, 2 vols., 1988.
- 35 Entrevista conduzida por António Aresta e publicada no semanário “Tribuna de Macau”, de 01.12.1990, p. 10.